

Divisões marcam história das esquerdas no Brasil

Se nas últimas décadas houve grandes momentos de unidade, hoje há de novo uma tendência à cisão

MARIA INÊS NASSIE

No passado, quando os velhos políticos de Minas se envolviam em brigas por espaço de poder, de alguma boca saía a máxima eternizada por Nelson Rodrigues, atribuída a Otto Lara Resende: "Mineiro só é solidário no câncer." No presente, quando as esquerdas se atiram em conflitos que o público externo sabe que terminarão em rachas, emerge a frase antiga, cuja autoria já foi esquecida: "A esquerda só se une na cadeia." "Nem na cadeia", protesta um antigo militante. "Ainda lá os grupos mantinham suas idiossincrasias." Descontados os exageros, chega-se aos fatos: nas últimas décadas, as esquerdas contabilizaram momentos de dispersão e de unidade igualmente grandes.

No momento há uma tendência inexorável à divisão. No ano passado, a intransigência dos grupos do PT enterrou a idéia de lançar um único nome de centro-esquerda, capaz de morder votos de Fernando Henrique Cardoso nas eleições presidenciais.

O quadro parecia definido, com a esquerda dividida em dois grupos: um capitaneado pelo PT de Luiz Inácio Lula da Silva e outro pelo PPS, que abrigou o ex-ministro Ciro Gomes e o projeto de agregar ao máximo o eleitorado de centro. Um conflito entre o PT e o PDT, provocado pela decisão dos grupos radicais do PT do Rio de lançar Vladimir Palmeira



Lula e Brizola: problema no Rio implodiu quadro praticamente definido



FATOR
IDEOLÓGICO
REFORÇA
DISPERSÃO

ao governo, contra Anthony Garotinho, do PDT, provocou nova cisão.

Embora exista uma avaliação comum à esquerda de que não há a mínima chance de vitória contra Fernando Henrique fora da unidade, as divergências confirmam a tese do presidente de honra do PPS, Salomão Malina, 50 anos de

militância comunista: "Em qualquer força política, a união apenas ocorre quando o inimigo é muito forte ou a crise muito grande."

A cientista política Maria D'Alva Kinzo também garante que a divisão não é uma prerrogativa de um único grupo político: "Existem

várias direitas, várias esquerdas e vários centros", defende. A tendência à fragmentação seria uma característica da política brasileira. "Na nossa história política sempre houve um potencial de desagregação muito forte", diz. Mesmo as forças de direita apenas conseguiram uma unidade efetiva em dois momentos de risco: no Estado Novo e na Revolução de 1964.

Mas é na esquerda, no entanto, que emergem as características mais acentuadas da divisão. "Só vamos ter saída quando existirem as direitas e a esquerda", costuma brincar Pelópidas da Silveira, um velho quadro pernambucano. Nesse segmento ideológico, as divergências assumem formas mais dramáticas porque entra em cena o fator ideológico. "O choque ideológico é mais difícil de resolver do que as simples pendências regionais", afirma Maria D'Alva.

Espaço exclusivo – A divisão torna-se mais crítica pelo fato de a esquerda ter incorporado a "personalização" existente nos partidos tradicionais – isto é, possuir lideranças com interesses próprios e exigência de espaços exclusivos. Mas

o elemento definitivo, segundo a cientista política, é a posição dúbia em relação às eleições. "A esquerda não se coloca na posição de disputar poder eleitoralmente", afirma. "Como, para ela, a arena eleitoral não é a privilegiada, não faz tanto esforço como a direita, que concorre para ganhar."

O componente ideológico está no centro das discussões. Segundo o presidente do PPS, senador Roberto Freire (PE), é ele que define não apenas a divisão das esquerdas no Brasil, como no mundo. "A esquerda tem mais propensão a ser ideológica, tem uma história marcada por grandes polêmicas e não possui o fator aglutinador que é o poder", opina. No Brasil, as grandes divergências ocorrem quando emergem o que se chama, no jargão das esquerdas, de projetos táticos e estratégicos.

Desde os primórdios da esquerda, em 1922 – quando foi fundado o Partido Comunista do Brasil, que exibia a sigla PCB –, a questão tática foi a grande pedra no sapato. Refletindo as mudanças ocorridas na Internacional Comunista e a posição da União Soviética no cenário mundial, o PCB oscilou entre projetos de tomada do poder pelas armas e as táticas de "frente popular" e "frente democrática". Quando o projeto tático era a política de frentes, surgia a questão da luta pela hegemonia do processo.

O PCB abandonou oficialmente a luta pela hegemonia nas frentes democráticas em 1958, mas o problema sempre esteve nas entrelinhas dos grandes rachas das esquerdas, até hoje. Para Maria D'Alva, aí entra também a questão ideológica. "A luta pela hegemonia é mais acirrada nas esquerdas porque é uma questão de princípios", diz. "Cada um tem a sua verdade e daí fica mais difícil compor."

Fragmentação e luta pela hegemonia também são dois lados da mesma moeda. Ilustrativa disso é a concepção expressa pelo deputado Haroldo Lima, do Comitê Central do PC do B. "As demais esquerdas (que estão fora do PC do B) são democráticas, não socialistas", afirma. "A medida em que evoluam e assumam a compreensão do seu papel histórico, devem entrar no PC do B." E conclui: "Não é o PC do B que deve aderir aos outros."